

Corpos em disputa: folkcomunicação e resistências de homens gays pretos na zona leste de São Paulo

Yuri Demartini Bernardo¹

Submetido em: 13/10/2025

Aceito em: 14/12/2025

RESUMO

Este artigo analisa como homens gays negros da zona leste de São Paulo utilizam performances musicais e audiovisuais (funk, rap, slam e voguing) como práticas de folkcomunicação e resistência. A pesquisa, de caráter qualitativo, recorre à análise de discurso e estudos culturais, articulando conceitos de gênero, masculinidades dissidentes, raça e território. O corpus revela que os corpos performativos produzem resistência estética, visibilidade e pertencimento, subvertendo normas hegemônicas de gênero e racialização. A circulação digital dessas performances amplia sua potência, constituindo redes de afeto e comunicação popular. Conclui-se que a periferia funciona como espaço de criação simbólica, e os corpos negros gays emergem como agentes de transformação cultural e social.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Performatividade; Periferia; Cultura; Dissidência.

Bodies in dispute: folkcommunication and resistance of black gay men in the eastern part of São Paulo

ABSTRACT

This article analyzes how black gay men from the east of São Paulo use musical and audiovisual performances (funk, rap, slam and voguing) as folkcommunication practices and resistance. The qualitative research uses discourse analysis and cultural studies, articulating concepts of gender, dissenting masculinity, race and territory. The corpus reveals that performative bodies produce

¹ Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM São Paulo, atua como pesquisador nas áreas de comunicação, gênero e sexualidades dissidentes, com interesse em estudos culturais, identidades, performatividades e masculinidades contemporâneas. Desenvolve pesquisas sobre as intersecções entre mídia, consumo, corpo e diversidade.

aesthetic resistance, visibility and belonging, subverting hegemonic norms of gender and racialization. The digital circulation of these performances expands its power, constituting networks of affection and popular communication. It is concluded that the periphery functions as a space of symbolic creation, and gay black bodies emerge as agents of cultural and social transformation.

KEY-WORDS

Folkcommunication; Performativity; Periphery; Culture; Dissidence.

Cuerpos en disputa: folkcomunicación y resistencias de hombres gays negros en la zona este de São Paulo

RESUMEN

Este artículo analiza cómo hombres gays negros de la zona este de São Paulo utilizan performances musicales y audiovisuales (funk, rap, slam y vogueing) como prácticas de folkcomunicación y resistencia. La investigación, de carácter cualitativo, recurre al análisis del discurso y estudios culturales, articulando conceptos de género, masculinidades disidentes, raza y territorio. El corpus revela que los cuerpos performativos producen resistencia estética, visibilidad y pertenencia, subvertiendo normas hegemónicas de género y racialización. La circulación digital de estas actuaciones amplía su potencia, constituyendo redes de afecto y comunicación popular. Se concluye que la periferia funciona como espacio de creación simbólica, y los cuerpos negros gays emergen como agentes de transformación cultural y social.

PALABRAS-CLAVE

Folkcomunicación; Performatividad; Periferia; Cultura; Disidencia.

Introdução

A zona leste de São Paulo, historicamente marcada por desigualdades socioespaciais, raciais e econômicas, também é um território de invenção cultural, resistência e produção simbólica. Seus becos, vielas, praças e casas culturais formam uma rede de comunicação popular, na qual homens gays pretos protagonizam performances que desafiam a marginalização e reconfiguram as normas de gênero, raça e sexualidade. Nessas manifestações, a periferia deixa de ser apenas espaço de exclusão para se tornar palco de afirmação e visibilidade, traduzindo dor, desejo, alegria e crítica social em linguagens artísticas que atravessam o corporal e o digital.

As expressões culturais desses sujeitos revelam uma tensão permanente entre visibilidade e apagamento. Enquanto o olhar hegemônico tende a invisibilizar ou estigmatizar corpos dissidentes, o funk, o rap, o slam e o voguing se constituem como práticas folkcomunicacionais que produzem narrativas próprias, codificadas em gestos, ritmos, imagens e palavras. Cada batida de tambor, cada verso recitado, cada gesto de voguing e cada enquadramento de clipe funcionam como atos discursivos e políticos, nos quais o corpo negro gay se afirma como agente de sua própria representação.

A relevância deste estudo se inscreve no campo dos Estudos de Gênero, Comunicação e Cultura Popular, ao considerar que a produção simbólica da periferia não apenas reflete o contexto social, mas o transforma. Em consonância com Beltrão (1967) e Marques de Melo (2001), entende-se que a folkcomunicação é uma forma de comunicação popular que, mesmo marginalizada pelos meios de massa tradicionais, produz efeitos culturais, simbólicos e políticos significativos. Ao mesmo tempo, ao dialogar com teorias de gênero e masculinidades dissidentes (Butler, Connell e Louro) e de raça (Fanon, Mbembe e Djamila Ribeiro), o estudo articula dimensões identitárias, territoriais e performativas, destacando como a periferia se torna um espaço de experimentação discursiva e estética.

A questão central que norteia esta pesquisa é: como os homens gays pretos da zona leste de São Paulo utilizam performances musicais e audiovisuais para produzir folkcomunicação de resistência, desafiando normas hegemônicas de gênero, raça e territorialidade? Este questionamento se desdobra em diversas interrogações: de que maneira os corpos performam resistências coletivas? Como o território influencia a produção de sentido? E de que modo a circulação digital potencializa ou tensiona essas práticas?

O presente artigo propõe que tais performances não apenas refletem as desigualdades sociais, mas criam novos modos de existência e visibilidade, deslocando o olhar acadêmico da mera documentação da periferia para a leitura crítica de suas práticas culturais como discurso autônomo, estético e político. Nesse sentido, o estudo articula elementos de folkcomunicação, análise de discurso e estudos culturais, permitindo compreender a zona leste como um campo de produção simbólica e afetiva, onde o corpo negro gay se inscreve como agente ativo de sua própria narrativa.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como as performances musicais e audiovisuais de homens gays pretos na zona leste de São Paulo configuram práticas folkcomunicacionais de resistência, produzindo sentidos de raça, gênero, sexualidade e território. Para alcançar tal propósito, o estudo desdobra-se em metas específicas: investigar as interseções

entre raça, gênero e território presentes nas performances analisadas; compreender as formas de mediação cultural e simbólica articuladas por homens gays pretos; identificar como a folkcomunicação digital amplia e ressignifica práticas de resistência periféricas; e dialogar essas manifestações com conceitos de performatividade, masculinidades dissidentes e resistência estética, de modo a construir uma leitura crítica e ensaística sobre os fenômenos observados.

A justificativa deste trabalho se estrutura em três dimensões complementares. No campo acadêmico, o estudo contribui para preencher lacunas nos debates que articulam gênero, sexualidade, raça e periferia, especialmente no cenário paulistano, ao reconhecer a relevância das expressões culturais produzidas fora dos centros hegemônicos do saber. Além disso, amplia o escopo das discussões sobre folkcomunicação urbana e digital, indicando como sujeitos periféricos constroem redes comunicacionais próprias e produzem conhecimento estético e político. Do ponto de vista cultural, valoriza-se a potência das expressões estéticas da periferia enquanto formas de produção simbólica que tensionam normas sociais e disputam regimes de visibilidade, conferindo sentido e legitimidade às práticas artísticas que emergem desses territórios. Em nível político-social, evidencia-se como as performances de homens gays pretos constituem práticas de resistência coletiva, fortalecendo processos de visibilidade pública, afirmação identitária e enfrentamento às estruturas de marginalização historicamente impostas.

Ao considerar que a periferia é agente produtora de sentidos e que os corpos dissidentes operam como dispositivos comunicacionais e de resistência, o estudo se posiciona como uma intervenção crítica que busca compreender as múltiplas camadas presentes nas performances analisadas. Assim, propõe-se a refletir sobre como essas ações — realizadas no campo corporal, simbólico e digital — tensionam normas de gênero e sexualidade, reafirmam pertencimentos raciais e territoriais, e constroem novas narrativas possíveis para homens gays pretos na zona leste de São Paulo. O trabalho, portanto, pretende não apenas descrever práticas culturais, mas também evidenciar seus atravessamentos políticos, contribuindo para debates contemporâneos sobre folkcomunicação, dissidência corporal e resistência estética.

Raça, Gênero e Comunicação Dissidente: Matrizes Conceituais

O referencial teórico que sustenta esta pesquisa constitui-se a partir de quatro eixos interdependentes — folkcomunicação, gênero e masculinidades, raça e território e análise de discurso/estudos culturais — que se articulam para compreender as performances musicais e

audiovisuais produzidas por homens gays pretos na zona leste de São Paulo. A articulação desses campos permite observar como estética, corpo, comunicação e política se entrecruzam nas práticas culturais periféricas, produzindo narrativas dissidentes e formas de resistência simbólica.

O primeiro eixo fundamenta-se no campo da folkcomunicação, conceito proposto por Luiz Beltrão (1967) e posteriormente desenvolvido por Marques de Melo (2001), que define processos comunicacionais oriundos das camadas populares, estruturados fora dos circuitos massivos e institucionalizados de mídia. Diferentemente da comunicação hegemônica, a folkcomunicação é marcada pela centralidade do cotidiano, da oralidade, do corpo e das estéticas populares, constituindo-se como espaço fértil de produção de sentidos. No contexto urbano e periférico da zona leste, essas dinâmicas emergem em clipes musicais, performances, danças e batalhas de poesia (slam), operando como canais de circulação simbólica e construção de pertencimento coletivo. Conforme sustenta Martín-Barbero (2009), processos de mediação cultural são fundamentais para a emergência de narrativas próprias, tornando sujeitos periféricos produtores e não apenas receptores de discursos. Essa perspectiva é ampliada por Muniz Sodré (2014), ao argumentar que a folkcomunicação contemporânea incorpora tecnologias digitais e redes sociais, possibilitando maior circulação de saberes e afetos, o que, no caso de homens gays pretos, se traduz em performances que não apenas informam, mas encarnam resistência estética e política.

O segundo eixo dialoga com os estudos de gênero e masculinidades, considerando o corpo como território central de disputa normativa. Para Judith Butler (2015), o gênero é performativo: um conjunto de atos reiterados que constituem identidade e, simultaneamente, podem subverter expectativas hegemônicas. Tal perspectiva possibilita compreender como homens gays negros na periferia tensionam modelos tradicionais de masculinidade e produzem masculinidades dissidentes (Connell, 1995), operando deslocamentos que desafiam estigmas relacionados à sexualidade, ao afeto e ao corpo. Guacira Louro (2004) e Halperin (1995) reforçam que sexualidades dissidentes se manifestam culturalmente e que o corpo performativo torna-se meio de afirmação subjetiva e política. bell hooks (1992) contribui ao evidenciar como raça, gênero e classe se imbricam na construção de experiências corporais, indicando que o corpo negro gay periférico é simultaneamente alvo de opressão e espaço de criação, produção de epistemologias sensíveis e estéticas que se afastam da normatividade.

No terceiro eixo, raça e território constituem categorias essenciais para compreender a produção estética periférica. Frantz Fanon (2008) demonstra como a raça é construída socialmente e como o corpo negro é historicamente objetificado, enquanto Achille Mbembe (2018) expande a discussão ao teorizar sobre necropolítica e sobre como espaços urbanos

precarizados condicionam vidas, mortes e possibilidades de existência. Autoras como Djamila Ribeiro (2017) e Grada Kilomba (2019) sublinham que a racialização atravessa de maneira contínua o cotidiano de sujeitos negros, produzindo marcas materiais e simbólicas, e que reagir a essas marcas é também uma prática estética de sobrevivência. A partir de Patricia Hill Collins (2019), evidencia-se que raça, gênero e classe operam de forma interseccional, sendo inseparáveis na análise das performances estudadas. Na zona leste de São Paulo, vielas, praças, pistas de dança e centros culturais não são apenas cenários, mas coautores das performances, configurando memória, pertencimento e resistência.

O quarto eixo teórico ancora-se nos estudos discursivos e culturais, compreendendo as performances como práticas enunciativas. Em Foucault (1996), o corpo emerge como campo atravessado por relações de poder e resistência; em Pêcheux (1997), o discurso é visto como histórico, atravessado por intertextualidades e formações ideológicas; em Hall (2003) e Laclau e Mouffe (2015), os sentidos são entendidos como construções sociais em permanente disputa. Assim, clipes de funk, rap, slam, vogue e outras expressões audiovisuais periféricas não se restringem ao campo artístico, mas constituem dispositivos discursivos que produzem e atualizam imaginários sobre raça, gênero, território e sexualidade. A metodologia analítica empregada articula descrição densa (Geertz, 1989), leitura discursiva e interpretação cultural, permitindo mapear camadas de sentido que emergem das performances e reconhecer a periferia como lugar de produção simbólica, política e epistêmica.

Ao integrar esses quatro eixos, este referencial teórico sustenta a compreensão de que performances musicais e audiovisuais de homens gays pretos não apenas comunicam, mas reconfiguram sentidos, inventam estéticas, inscrevem resistência e reescrevem territórios, instaurando novas possibilidades de existir e narrar-se no urbano periférico.

Metodologia como Prática de Escuta e Olhar

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa fundamentada nos aportes da análise de discurso e dos estudos culturais, compreendendo a cultura como campo de disputa, significação e resistência. Mais do que descrever práticas culturais, busca-se interpretar performances enquanto enunciados sociais historicamente situados, atravessados por relações de poder e capazes de produzir sentidos complexos sobre raça, gênero, sexualidade e territorialidade. Diferentemente de metodologias etnográficas tradicionais baseadas em entrevistas ou observação participante, opta-se deliberadamente por um recorte metodológico

centrado em performances musicais e audiovisuais produzidas por homens gays pretos na zona leste de São Paulo, assumindo que tais materiais condensam narrativas dissidentes e que o corpo em cena opera como discurso. Nesse sentido, desloca-se o foco da fala para o corpo que fala — corpo que dança, canta, se move, ocupa espaço e performa mundos possíveis.

O corpus de análise é composto por clipes musicais independentes e mainstream, protagonizados por artistas negros e gays atuantes na zona leste; por registros de batalhas de poesia e slams que circulam tanto em praças quanto em redes sociais; por performances de vogueing capturadas em vídeo em casas de cultura e espaços abertos; além de trechos de funk e rap nos quais ritmo, dança e presença corporal se configuram como dispositivos discursivos de afirmação e resistência. A escolha por esses materiais não é aleatória, mas atravessada pelo entendimento, inspirado em Pêcheux (1997), de que cada performance é um enunciado material dotado de memória, corporeidade e historicidade. Assim, observar clipes, vídeos e registros de batalhas significa cartografar códigos estéticos, estratégias de visibilidade e modos de circulação de sentido próprios das periferias urbanas.

A operacionalização metodológica articula referências de diferentes matrizes teóricas, a pesquisa parte do princípio de que o corpo, conforme Foucault (1996) e Butler (2015), não apenas representa discursos, mas os produz performativamente, atualizando normas ou desestabilizando-as. Nessa perspectiva, o corpo do homem gay preto periférico torna-se campo de inscrição política, onde masculinidades dissidentes se materializam e desafiam expectativas normativas. De igual modo, o audiovisual é compreendido como mediação cultural, seguindo Martín-Barbero (2009) e Sodré (2014), no qual sujeitos subalternizados projetam narrativas próprias, expandindo o repertório da folkcomunica o contemporânea para além da tradi o oral e incorporando redes sociais, transmissões ao vivo e remixagens como parte integrante do processo comunicativo. A interseccionalidade, inspirada em Collins (2019) e hooks (1992), estrutura o olhar analítico ao articular raça, g nero, sexualidade e território como dimensões indissociáveis na produ o e interpreta o das performances estudadas.

O procedimento de leitura desenvolveu-se de maneira processual e progressiva, onde, inicialmente, realizou-se uma descri o minuciosa das performances, identificando elementos visuais e sonoros como figurinos, gestos, coreografias, cenários, enquadramentos, batidas e textualidades expressivas. Em seguida, passou-se   leitura interpretativa, orientada para a compreensão dos sentidos produzidos, dos regimes de visibilidade acionados, das masculinidades encenadas e das estratégias de resistência mobilizadas. Por fim, conduziu-se uma leitura crítica e ensaística, tensionando as observa es empíricas com o referencial teórico para discutir as

performances enquanto práticas comunicacionais e políticas. Ao cruzar análise de discurso (Pêcheux, Foucault) com interpretação cultural (Hall, Laclau & Mouffe), buscamos compreender as performances não apenas enquanto espetáculo ou produto artístico, mas como ação enunciativa que produz realidade.

Reconhece-se também a importância da posicionalidade do pesquisador diante do objeto, evitando leituras exotizantes e interpretações reducionistas. A leitura proposta procura valorizar a agência dos artistas analisados, entendendo suas produções como atos criativos e insurgentes, e não como meras representações de marginalidade. Por se tratar de materiais amplamente divulgados em plataformas públicas, respeitaram-se direitos autorais e identidades, mantendo anonimato quando necessário e reconhecendo a produção cultural periférica como patrimônio coletivo.

Por fim, considera-se que a folkcomunicação contemporânea não se restringe ao domínio oral ou local, mas expande-se para os ambientes digitais. Cada clipe publicado, cada vídeo de dança compartilhado, cada slam retransmitido constitui um ato comunicacional, aberto à circulação, reapropriação e comentário. O corpus analisado é, portanto, dinâmico, reconfigurado continuamente pela interação com públicos diversos, constituindo uma rede viva de significação. É nesse fluxo que artistas negros gays da zona leste performam existência, reivindicam espaço, rompem silêncios e inscrevem resistência. Assim, a metodologia aqui delineada não apenas orienta os procedimentos de análise, mas afirma a necessidade de olhar para a performance periférica como locus privilegiado de produção estética, epistemológica e política.

Corpo-Discurso-Periferia: Reflexões Analíticas

As performances culturais de homens negros gays da zona leste de São Paulo evidenciam que seus corpos não apenas ocupam espaço, mas o ressignificam, produzindo sentidos que tensionam normas de gênero, sexualidade e raça inscritas no tecido urbano. Esses corpos em cena configuram-se como dispositivos comunicacionais vivos que, ao performarem funk, rap, slam ou vogueing, acionam repertórios estéticos e políticos que atravessam o sensível, o discursivo e o territorial. O corpo, entendido como primeiro campo de disputa simbólica, torna-se palco e mensagem, locus de resistência e criação, na medida em que reconfigura valores normativos e desloca regimes de visibilidade. Judith Butler (2015), ao discutir performatividade, evidencia que gênero não é essência, mas ato reiterativo; portanto, cada rebolado, pose ou gesto feminino inesperado assume dimensão política quando encenado por corpos negros masculinos

historicamente marcados pela expectativa de virilidade compulsória. Esse tensionamento se aproxima da crítica de Raewyn Connell (1995) à masculinidade hegemônica, que delimita quem pode ser reconhecido como sujeito masculino legítimo no contrato social. Ao operar fora dessa norma, as performances desses homens instauram rupturas perceptivas: fazem do corpo um meio de comunicação dissidente.

Nesse processo, a dança se evidencia como linguagem de enfrentamento simbólico. bell hooks (1992) afirma que o corpo negro é simultaneamente lugar de opressão e potência criadora, pois nele se inscreve a memória de violências coloniais, mas também a possibilidade de reexistência estética. No contexto periférico, a dança — especialmente o funk e o voguing — torna-se gesto político e poético. O funk, enquanto estética popular e periférica, subverte não apenas normas de gênero, mas também hierarquias culturais que tradicionalmente desqualificam expressões de lazer de jovens negros das quebradas. Quando homens gays negros dançam com erotismo explícito diante da câmera, em praças, quadras ou becos, não performam apenas prazer: instauram uma ética do corpo que reivindica presença e direito ao desejo em espaços onde lhes foi historicamente negado. A câmera do celular, elementar na circulação digital desses registros, amplia essa disputa ao projetar a cena do bairro para redes maiores, evidenciando que a resistência não é apenas presencial, mas tecida também em plataformas de circulação simbólica.

Assim, o território deixa de ser mero cenário para se tornar agente das performances. A zona leste é elemento constitutivo da estética que se produz nesses corpos. Como Mbembe (2018) discute ao abordar políticas de vida e sobrevivência nas metrópoles pós-coloniais, a cidade se inscreve no corpo assim como o corpo se inscreve na cidade, gerando tensionamentos entre visibilidade e controle. Djamila Ribeiro (2017) complementa ao argumentar que questões raciais no Brasil são atravessadas por disputas epistemológicas que determinam quem possui legitimidade discursiva. Quando performances acontecem diante de muros grafitados, vielas apertadas ou escadarias de concreto, essas materialidades urbanas tornam-se símbolo e narrativa, compondo uma estética periférica que comunica história, desigualdade e invenção. Assim, o território é mais que geografia: é memória coletiva, marca social e plataforma de criatividade.

A circulação dessas performances em mídias digitais reconfigura o conceito clássico de folkcomunicação. Luiz Beltrão (1967), ao formular a noção de folkcomunicação, refere-se a processos comunicacionais produzidos por grupos populares como alternativas às estruturas hegemônicas de mídia. No entanto, no cenário contemporâneo, plataformas como TikTok, Instagram e YouTube tornam-se novos canais folkcomunicacionais, não apenas transmitindo, mas

moldando a própria prática cultural. A viralização de vídeos, o uso de filtros, cortes rápidos de edição, hashtags e remixes musicais são estratégias que articulam estética digital e política identitária. Mesmo inseridos em algoritmos que operam lógicas de controle e visibilidade, sujeitos periféricos criam brechas insurgentes: transformam a viralidade em arma simbólica. Assim, a folkcomunicação não desaparece no digital — expande-se, atravessando fronteiras geográficas e criando redes afetivas e políticas que conectam periferias globais.

No interior dessas práticas, observa-se diversidade de performances. O funk convoca o corpo como instrumento de afirmação e provocação, apropriando-se da sensualidade para questionar regulações morais. O rap, por sua vez, enfatiza oralidade e denúncia, sustentando o que Sodré (2014) chama de “estética da verdade periférica”, onde a fala emerge como tecnologia política e narrativa de experiência. As letras que abordam racismo, homofobia e exclusão territorial não apenas descrevem o real — o performam. O slam potencializa esse gesto ao transformar a palavra falada em ação. O corpo que declama trêmula, respira, grita; cada pausa é discurso; cada verso, micro evento político. Já o voguing, prática oriunda da diáspora negra e LGBTQIA+ que ganhou força nos ballrooms norte-americanos, ressignifica feminilidades e exageros como armas estéticas. Na zona leste, o voguing é deslocado e reinventado, incorporando elementos do cotidiano periférico. A pose é uma ruptura. O “spin” é insubmissão. O corpo é manifesto.

Essas performances produzem masculinidades dissidentes, multiplicando modos de ser homem fora da lógica viril, violenta e heteronormativa. Se Connell (1995) identifica a hegemonia como regime que hierarquiza masculinidades, as expressões aqui analisadas encenam uma política do corpo que cria brechas para existências antes silenciadas. Não se trata apenas de negar masculinidade dominante, mas de reinventá-la, combinando cuidado, desejo, afeto, feminilidade e afronta. Nesse gesto, raça, gênero e sexualidade não são identidades fixas, mas campos de negociação performativa.

A dimensão discursiva dessas práticas permite compreender que o corpo que dança fala, enuncia, produz sentidos. Foucault (1996) enfatiza que discursos constroem realidades, e Pêcheux (1997) acrescenta que todo enunciado é atravessado por ideologias que o antecedem. Assim, quando um rapper negro gay denuncia homofobia ou quando um voguersir desliza em “*duckwalk*” pelo asfalto, o discurso emerge tanto na fala quanto no gesto. Stuart Hall (2003) afirma que identidades são processos em constante formação e que cultura é espaço de disputa simbólica. As performances analisadas tornam visível tal disputa: ali onde o Estado falha em

garantir direitos, o corpo reivindica existência com brilhantina, salto alto, batida grave e verso afiado.

Nesse entrecruzamento entre corpo, mídia e território, constituem-se mediações culturais que, conforme Martín-Barbero (2009), articulam estruturas sociais e práticas cotidianas, transformando experiências populares em saberes. As performances aqui discutidas não são apenas entretenimento; produzem conhecimento, memória e travessias coletivas. Elas confirmam que a resistência periférica não opera apenas reagindo à opressão, mas criando mundos possíveis, epistemologias dissidentes e políticas do sensível. O corpo negro gay que dança na zona leste é produtor de linguagem, mediador cultural e autor de sua própria narrativa. Sua performance é flecha e cicatriz — documento vivo de uma folkcomunicação insurgente que amplia a imaginação social e inscreve no espaço urbano a prova de que existir também é comunicar.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas ao longo deste estudo permitem afirmar que os corpos negros gays da zona leste de São Paulo não se limitam a habitar o espaço periférico; eles o reconstróem simbolicamente ao transformá-lo em território de criação estética, política e comunicacional. Suas performances, em constante diálogo com o funk, o rap, o slam e o voguing, evidenciam que o corpo torna-se veículo de linguagem e mediação cultural, constituindo-se como um artefato semiótico que comunica identidades, produz visibilidade e rearticula regimes de representação (Hall, 2003). A materialidade corporal opera como enunciado político e dispositivo discursivo, acionando aquilo que Butler (2015) concebe como repetição subversiva: uma prática performativa que desloca a naturalização de gênero e raça e torna visível o que foi historicamente silenciado.

Nesse movimento, o conceito de folkcomunicação, inicialmente formulado por Beltrão (1967) e posteriormente expandido por Marques de Melo (2001) e Sodré (2014), revela-se fundamental para compreender como práticas comunicacionais populares adquirem novos contornos na era digital. O que antes se vinculava prioritariamente a circuitos comunitários analógicos passa a se manifestar também por meio de plataformas digitais, redes sociais e dispositivos audiovisuais, demonstrando a vitalidade contemporânea da folkcomunicação como ferramenta de resistência simbólica. Em tais performances, o território não é cenário, mas operador epistemológico: a periferia emerge como lócus de invenção cultural, matriz estética e campo de disputa de sentidos. Aqui, falar de periferia não significa apenas mencionar localização

geográfica, mas compreender o que Martín-Barbero (2009) denomina mediações — processos que articulam corpo, tecnologia e cotidiano, gerando conhecimento e subjetivação.

Ao reposicionar sujeitos historicamente marginalizados como agentes ativos de suas narrativas, essas performances produzem mais do que arte: produzem modos de existência. Elas acionam o que hooks (1992) denomina pedagogia do olhar insurgente, segundo a qual corpos negros, ao ocuparem a cena com desejo e afirmação, rompem com o regime colonial de visibilidade que historicamente os cerceou. A zona leste, nesse contexto, não é periferia que resiste por falta de alternativas, mas periferia que cria por excesso de mundo possível. Esses corpos reivindicam, pela estética, aquilo que a política frequentemente lhes nega — direito ao prazer, ao afeto, ao reconhecimento e à vida plena.

O estudo demonstra que resistir, para esses sujeitos, não é apenas reagir: é performar, inventar linguagem, corporificar a memória e produzir mundos. As práticas analisadas confirmam que o corpo negro gay periférico inscreve uma epistemologia própria, que reorganiza hierarquias culturais, tensiona normas de gênero e sexualidade e desafia a lógica racializante que estrutura o espaço urbano. Por meio da viralização digital, da dança desobediente, da palavra afiada e da pose glamourosa, esses sujeitos constroem redes de pertencimento e afeto que extrapolam o local e se projetam em escala global.

Em síntese, este trabalho reafirma a necessidade de reconhecer a periferia como laboratório de inovação cultural e comunicacional, onde emergem formas de resistência que são também formas de criação. A folkcomunicação, aqui compreendida como prática expandida e tecnoviva, revela-se campo fértil para investigar como sujeitos subalternizados reescrevem a história a partir de seus próprios corpos, produzindo saberes que não apenas contestam o mundo social, mas o reinventam. Mais do que objeto de análise, esses corpos são enunciação e método: convocam a academia a deslocar o olhar, a descentralizar narrativas e a reconhecer na performatividade negra e gay não apenas resistência, mas projeto de futuro.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2019.

- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALPERIN, David M. **Saint Foucault: towards a gay hagiography**. New York: Oxford University Press, 1995.
- HOOKS, bell. **Black Looks: race and representation**. Boston: South End Press, 1992.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARQUES DE MELO, José. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Paulus, 2001.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1997.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.